



## **A recepção da telenovela por jovens de classe popular: leituras hegemônicas, negociadas e opositivas<sup>1</sup>**

Karina Aurora DACOL<sup>2</sup>  
Juliana Reichembach GELATTI<sup>3</sup>  
Gabrielli Dala VECHIA<sup>4</sup>  
Ana Carolina CADEMARTORI<sup>5</sup>  
Veneza Mayora RONSINI<sup>6</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

### **Resumo**

O texto descreve a aplicação do modelo metodológico de codificação/decodificação em análise comparativa das representações da pobreza na telenovela e das leituras das mesmas efetuadas por 20 jovens de classe popular. Os objetivos são entender os modos de assimilação da ideologia do desempenho, a qual torna opaca a desigualdade brasileira, e verificar a construção de representações que a desmascaram. Os resultados apontam que uma parcela dos entrevistados procede a uma leitura opositiva à ideologia do desempenho, percebendo as causas estruturais da pobreza; outra, a uma visão de mundo negociada, que se caracteriza pela percepção oscilante entre causas estruturais e individuais e, por último, parte dos jovens reproduz a visão hegemônica, atribuindo ao indivíduo total responsabilidade acerca da sua posição na hierarquia social.

**Palavras-chave:** Telenovela; representações; classe popular; modelo de codificação/decodificação.

### **Introdução**

O objetivo do texto é compreender as relações entre as representações da pobreza na telenovela das Oito e a reprodução da ideologia do desempenho, com base na análise da telenovela e das apropriações efetuadas por jovens de classe popular. Tanto para a análise das representações na telenovela quanto para as leituras efetuadas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Sessão Mediações e interfaces comunicacionais da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, e-mail: karinaurora@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, e-mail: julianagelatti@gmail.com.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFSM, e-mail: gabi\_dala@hotmail.com.

<sup>5</sup> Psicóloga, pós-graduanda do Curso de Especialização em Sociologia da PUCRS, e-mail: accademartori@terra.com.br.

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Professora no Departamento de Ciências da Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UFSM. Pesquisadora do CNPq, e-mail: roma5@terra.com.br.



pelos receptores aplicamos o modelo da codificação/decodificação (Hall, 2003; Morley, 1996).

Apesar do foco do estudo ser a telenovela das Oito, completamos nossa compreensão sobre os vínculos entre receptores e televisão com a análise dos usos do fluxo televisual, tanto no que diz respeito aos usos da ficção televisiva como do telejornal, em função de que a maioria também assiste ao noticiário com a família. O enfoque teórico da investigação mais ampla, acerca dos usos sociais da telenovela por jovens estudantes do ensino médio e da qual o presente texto é um excerto, é múltiplo, combinando as contribuições de diversos autores dos estudos culturais latino-americanos e Immacolata Lopes, Jesús Martín-Barbero, Guilherme Orozco Gomes e Néstor Garcia Canclini. Além disso, buscamos na sociologia teorias como a de Jessé de Souza (2003) que ajudem a compreender a especificidade da modernidade brasileira uma vez que sabemos da necessidade da integração entre as esferas micro e macrosociais.

Um dos aspectos cruciais do trabalho diz respeito à aplicação empírica na América Latina do modelo das mediações, isto é, concordamos quando Lopes argumenta sobre a necessidade de inserir a chamada teoria das mediações dentro do parâmetro das teorias das classes sociais, o que metodologicamente implica "operar com um princípio estrutural básico de articulação das mediações"; por outro lado, enfatiza a premente associação entre práticas cotidianas de comunicação com as relações de poder (1993: 101). Este argumento direciona todo o percurso da investigação.

Outra observação pertinente é que neste estágio de interpretação dos dados empíricos ainda não é possível entender a mediação da escola, da família e mesmo do *habitus*, restringindo-nos a comentar alguns aspectos do papel das instituições socializadoras e a observar que as leituras da televisão não podem ser diretamente relacionadas à posição de classe, não só por que posições não estão estreitamente ligadas a tipos específicos de consciência ou visões de mundo, como também todas as classes, de algum modo, estão sujeitas a formações discursivas comuns. Apesar disto, nossa intenção é verificar se existe a tendência para que certas leituras e representações tenham relação indireta com a posição de classe.



### **Aplicabilidade do modelo de codificação/decodificação**

O modelo de Stuart Hall - apresentado pela primeira vez em um colóquio organizado pelo Centre for Mass Communications Research na Universidade de Leicester nos anos 1970 - foi recentemente reexaminado por David Morley (2006) após longos anos de sua aplicação no seu estudo de recepção publicado com o título de *Nationwide Audience*. Nesta reavaliação, Morley (2006, p. 108-109), dentre outras coisas, mostra que, apesar das limitações do modelo encoding/decoding, ele continua aberto a novas formulações e que sua fecundidade não foi devidamente explorada em trabalhos posteriores.

Nossa pretensão aqui é relatar a adequação que fizemos para aplicar o modelo na análise dos dados de 20 receptores de classe popular, enfatizando sua compatibilidade com a tarefa de avaliar as leituras preferenciais, negociadas ou opositivas efetuadas pelo receptor. Tais leituras serão explicitadas, depois, a partir das definições que temos do hegemônico e do contra-hegemônico, da experiência dos receptores e da própria análise da telenovela, uma vez que a definição de leituras preferenciais, negociadas ou opositivas decorre, para nós, das propriedades fixadas pelo analista, pelas propriedades do texto e pelas características da audiência (Morley, 1996, p. 177). Isso equivale a afirmar que embora as codificações sejam passíveis de uma análise textual, necessitamos explicar os termos da análise empírica a partir das categorias construídas. Não basta dizer que uma leitura preferencial é aquela que se aproxima do código dominante; a leitura negociada a que o receptor aceita parcialmente o emitido, questionando-o parcialmente com base em um contexto concreto; ou que a leitura opositiva é aquela que se efetiva com base no conhecimento do contexto no qual a mensagem foi produzida, mas que o "leitor" proponha um marco distinto do considerado pelos produtores da mensagem (Morley, 1996, p. 130).

Uma das dificuldades do modelo é o pressuposto do caráter hegemônico da mídia ou, nas palavras de seu próprio criador: "o modelo trata a institucionalização da comunicação como algo demasiadamente unidimensional e diretamente relacionada à ideologia dominante" (2003, p. 368). Sobre isso, pensamos que tanto as representações são efeitos de uma prática, de uma experiência, como constituem essa mesma experiência. Isto não parece ser um impeditivo para afirmar que na relação entre discurso e prática é que poderemos construir uma explicação, mas no nível descritivo é



necessário analisar um termo e outro separadamente. Isso, porém, não equivale a tomá-los como instâncias separadas.

No caso do objeto de estudo, observa-se que o gênero apresenta uma codificação predominantemente preferencial no que diz respeito às relações entre as classes, mas não necessariamente no tocante aos costumes. A telenovela aborda temas como o homossexualismo, as relações entre gerações, pais e filhos, preconceito racial, etc. com relativa abertura. Como resolver esse problema? Quando a codificação feita pela mídia for opositiva e a leitura do receptor for opositiva em relação ao código da mídia, pensamos que a leitura do receptor deva ser classificada como preferencial ou hegemônica; por outro lado, quando, neste mesmo caso, a leitura do receptor for concordante com a da mídia, ela será classificada como opositiva. Em nosso trabalho ocorreu o segundo caso, quando o entrevistado comenta que a representação da pobreza nas telenovelas é bem realizada nas cenas que lidam com imagens reais da pobreza (que não são uma produção da novela), como as fotografias dos mendigos em São Paulo, mostradas em *Mulheres Apaixonadas*, e as imagens do médico de *Páginas da Vida* gravadas na África.

Feitas estas considerações, explicitamos como foi feita a classificação dos entrevistados em termos do grau de criticidade quanto às representações da pobreza e quanto às leituras da TV. Para chegar à classificação dos entrevistados de classe média em críticos (leituras opositivas), medianamente críticos (leituras negociadas) e acríticos (leituras preferenciais) seguimos três etapas: 1) análise de 8 afirmações acerca do mérito pessoal para a ascensão social, origens da pobreza, conflitos entre classes sociais, abordagem das relações entre classes na TV; 2) análise de 5 respostas às perguntas sobre a intervenção governamental para diminuir a desigualdade e o desemprego, o modo de vida de ricos e pobres, a causa da pobreza; 3) análise das representações que elaboram sobre a pobreza no telejornal, a pobreza e a riqueza na telenovela. Em cada etapa os entrevistados foram classificados para serem reclassificados na etapa seguinte com a soma dos resultados parciais obtidos, de acordo com os critérios abaixo relatados.

Nas duas primeiras etapas, nas quais são analisadas as representações da desigualdade, a criticidade é entendida como a capacidade de perceber as causas estruturais da pobreza em detrimento das capacidades individuais, a difícil ascensão dos pobres, mesmo que possam ocorrer melhorias na qualidade de vida e na aquisição de bens de consumo; uma visão de mundo negociada se caracteriza pela percepção oscilante entre considerar causas estruturais e individuais; uma visão acrítica é aquela



que atribui ao indivíduo total responsabilidade acerca da sua posição na hierarquia social.

Os resultados da análise das representações da pobreza nas etapas 1 e 2 indicam que 8 entrevistados são críticos, 6 são medianamente críticos e 6 são acrílicos. O comportamento dos medianamente críticos é o mais difícil de ser analisado, uma vez que, no nosso ponto de vista, tanto podem pender para uma leitura hegemônica como contra-hegemônica. Tomando como base o argumento de Hall (2003, p. 371), de que a maioria de nós, a maior parte do tempo, faz leituras negociadas, alcançando integralmente uma leitura de oposição quando se engaja em uma ação política, nossa escolha é considerar a leitura negociada como uma visão de mundo equilibrada que só tenderá para uma leitura opositiva ou referencial diante da participação do indivíduo em algum movimento social. Por isso, na análise sistemática que fizemos, as leituras negociadas, quando combinadas com leituras opositivas, são interpretadas como opositivas e quando combinadas com leituras preferenciais são interpretadas como preferenciais.

A seguir, descreveremos a análise da pobreza e das relações entre grupos sociais ricos e pobres nas telenovelas, bem como as leituras dessas representações pelos receptores (referente à análise descritiva da etapa 3) para, nas conclusões, apontarmos quais as relações que podemos efetuar entre a visão geral de mundo dos entrevistados e a incidência da telenovela nesta visão.

A terceira etapa da análise é aquela em que nos concentramos nos usos que os receptores efetuem das representações televisivas e será descrita após analisarmos as representações da pobreza na telenovela.

### **As representações da pobreza: a mediação do gênero**

Os entrevistados revelam que a telenovela é uma referência fundamental no cotidiano, dado o número de 28 telenovelas citadas: O Rei do Gado (20h, 1996-1997), Cobras e Lagartos (19h, 2006), Senhora do Destino (21h, 2004-2005), Mulheres Apaixonadas (20h, 2003), Sete Pecados (19h, 2007-2008), Rebelde (19h, 2005-2006), Maria Esperança (19h, 2007) Vidas Opostas (22h, 2006-2007), Coração de Estudante (18h, 2003), Torre de Babel (20h, 1998-1999), Terra Nostra (20h, 1999-2000), Café com Aroma de Mulher (20h, 2001), Belíssima (21h, 2005-2006), O Clone (20h, 2001-2002), Beleza Pura (19h, 2008), Celebridade (21h, 2003-2004), Chocolate com Pimenta (18h, 2003-2004), Prova de Amor (19h, 2005-2006), O Beijo do Vampiro (19h, 2002-



2003), Pé na Jaca (19h, 2006-2007), Alta Estação (18h, 2006-2007), Sinhá Moça (18h, 2006), O Profeta (18h, 2006-2007), Era uma vez (18h, 1998), além daquelas novelas do horário das 21 horas que iremos comentar aqui e que estavam sendo exibidas durante o período de realização da pesquisa de campo (2007-2008): Páginas da Vida (2006-2007), Paraíso Tropical (2007) e Duas Caras (2007-2008) mais a soap opera Malhação (2006-2007), ressaltando que além das telenovelas, os entrevistados se referem também a esta soap opera.

Apresentamos aqui uma sinopse<sup>7</sup> das produções da novela das Oito, de forma a entender melhor a intenção dos autores/produtores. Nossa análise também se baseia na observação dos capítulos diários destas novelas. Nosso intuito é realizar uma breve síntese das relações entre pobres, classe média e alta para definir qual é o ponto de vista dos realizadores acerca da pobreza e de que modo ele se relaciona com a ideologia do desempenho, cujo fundamento moral apregoa que todo indivíduo tem o potencial de superar as adversidades de uma condição econômica desvantajosa.

*Páginas da Vida*, de autoria de Manoel Carlos, conta a história de Nanda, abandonada pelo namorado quando espera gêmeos. A jovem não sobrevive ao parto, mas o casal de gêmeos, Francisco e Clara, é salvo pela médica Helena. A menina, portadora da síndrome de Down, é rejeitada pela avó, que diz à família que a menina morreu, quando, na verdade, é adotada por Helena. O pai das crianças reaparece e, arrependido, decide recuperar a guarda do filho que vive cercado pelo carinho do avô Alex. A verdade sobre a adoção de Clara e a luta pela guarda das crianças são o tema central dos últimos meses da trama. Ao final da novela, a justiça decide que as crianças continuarão com seus antigos responsáveis.

Como vemos, a trama se concentra nos aspectos da amizade e dos conflitos íntimos entre as classes. Outros pares amorosos se formam tendo como base a diferença de classe: Fred, filho do jardineiro empregado de Tide, inicia um namoro com Kelly, filha do advogado Eliseu e de Verônica - uma mulher fútil que vive planejando arrumar um casamento com um rapaz rico para a filha. Fred esconde sua situação econômica de Kelly e, nos capítulos finais, acabam se casando. Os pais de Kelly perdem a posição econômica de classe média alta que tinham. Com exceção de Eliseu e Verônica, predomina a imagem do rico ou da classe média alta humanitária, seja na pessoa de

---

<sup>7</sup> As sinopses foram extraídas de dois sites. Novelas. Disponível em <<http://www.redeglobo.globo.com/html>>. Acesso em 09 de maio de 2008; XAVIER NILSON, Teledramaturgia. Disponível em <http://www.teledramaturgia.com/html>. Acesso em 09 de maio de 2008

Tide, que é um patrão muito correto com seus empregados, seja na figura dos médicos Helena e Diogo: ela, por adotar um filho negro e uma filha com síndrome de down; ele, por ter trabalhado como médico em dois países africanos. Diogo é lembrado pelos entrevistados atendendo pobres e aidéticos na África quando são perguntados sobre o tratamento realista acerca da pobreza. Outro personagem que também destacam como exemplo é o fotógrafo Renato, fotografando os mendigos nas ruas de São Paulo.

Em *Paraíso Tropical*, de autoria de Gilberto Braga, Antenor Cavalcanti é um empresário poderoso, frio, filho do ex-presidiário trambiqueiro Belisário, de quem quer distância. Perdeu seu único filho, Marcelo, quando este tinha 16 anos. Vê no filho de seu caseiro Nereu, o jovem Daniel Bastos, o possível herdeiro de suas empresas. Antenor é casado com Ana Luísa, porém se envolve com outras mulheres. Ele decide expandir seus negócios, com idéia de também atuar no ramo de resorts. O ambicioso Olavo resolve lutar pelo posto de herdeiro de Antenor, seu patrão. Daniel conhece e se apaixona por Paula Viana, gerente de uma pequena pousada na Bahia. Às vésperas da morte da mãe, Paula descobre que tem outra filiação. Ela parte para o Rio de Janeiro em busca de suas raízes, mais precisamente de Isidoro, o avô que desconhecia ter. Paula ainda não sabe, mas tem uma irmã gêmea idêntica. Uma desconhece a existência da outra e Taís, descrita como uma mulher sensual, inteligente e arrivista, será a principal algoz da própria irmã.

A classe média de Copacabana é protagonizada pelo quarentão Cássio, que nunca quis um relacionamento sério com Lúcia, com quem teve o filho Mateus no passado. Lúcia é filha do jornalista Clemente e da professora Hermínia. Sua personalidade forte e determinada vai conquistar o frio Antenor, que se apaixonará por ela. Outra moradora de Copacabana é Marion Novaes, mãe de Olavo e Ivan - um bad-boy desajustado. Promoter fútil, cínica, divertida, chique e esnobe, ambiciona fazer parte do glamouroso mundo da alta sociedade carioca. Em alguns capítulos Marion lembra da infância pobre ao conversar com Paula, que também conta sua trajetória até migrar de uma cidade interiorana do nordeste para o Rio de Janeiro. A família de Neli, uma dona de casa ressentida com a vida sem glamour que leva, também mora no bairro. Seu sonho é ir morar no Leblon e conseguir um bom casamento para as filhas.

De *Paraíso* interessa destacar que o núcleo da narrativa se desenvolve em torno da classe alta e da classe média, tanto mostrando a vida de personagens que subiram na vida pelo mérito, como os que usam meios ilícitos ou desleais para ascender socialmente e os de classe média que estão preocupados em ter uma vida digna. Alguns

personagens pobres também se relacionam com este núcleo principal: Bebel, uma prostituta ambiciosa; sua amiga Eloísa, que mora na favela e se envolve com Evaldo, homem com problemas de alcoolismo e designer de jóias que acaba fazendo muito sucesso e é assassinado pela vilã Taís. Como é usual nas telenovelas das 21 horas analisadas, existem personagens femininas que ascendem pelo casamento, como é o caso de Lúcia com Antenor, e personagens como Daniel, um jovem de origem humilde que, por sua "competência", "bom caráter" (palavras textuais da sinopse) e sorte (destino de conhecer Antenor e este não ter herdeiros) tem a chance de herdar uma fortuna. Igualmente há equilíbrio entre pobres bons e maus, ricos bons e maus.

A trama de *Duas Caras*, de autoria de Aguinaldo Silva e direção de Wolf Maya, Cláudio Boeckel e Ary Coslov, desenvolve-se em torno de Adalberto Rangel. A personagem é um homem que dá um golpe em Maria Paula, aproveitando-se da sua fragilidade com a perda dos pais, casal rico e bom que morre em um acidente de carro. Adalberto muda de identidade com uma cirurgia plástica e torna-se um rico empresário que é rival do líder comunitário da favela da Portelinha, Juvenal Antena. A favela é o principal cenário da trama e interage com todos os núcleos da novela. Os moradores humildes são trabalhadores aos quais Juvenal se refere no capítulo do dia 29 de abril de 2008 como a maioria honesta dos moradores da favela, em contraposição à minoria que se dedica ao crime, ao consolar Guigui pela morte do filho Ronildo num incidente com a polícia. Novamente, vemos o equilíbrio entre bondade e maldade caracterizando ricos e pobres.

Os ricos ruins são Ferraço e Sílvia, filha de Branca (uma das donas da universidade particular onde estudam moradores da comunidade de Portelinha e alunos mais aquinhoados que pagam as mensalidades). Os ricos bons são o advogado Barretão e sua esposa Gioconda, seus filhos Barretinho e Júlia e a classe média alta protagonizada por Gabriel, Eva e os filhos Petrus e Ramona. Os conflitos entre ricos e pobres são expostos de dois modos, repetindo a fórmula das interações afetivas entre pessoas pertencentes aos dois grupos e de maneira a criticar pessoas de esquerda – como o estudante Rudolf, que se passa por pobre, e o professor que quer prejudicar a reitoria da universidade – que estimulam o conflito entre "burguesia" e "trabalhadores". Essas lideranças são claramente apresentadas como negativas e manipuladoras, enquanto que a líder estudantil Ramona, que disputa as eleições para a representação estudantil na universidade, é vista como honesta em contraposição aos métodos moralmente duvidosos de Rudolf. O conflito político acaba sendo resolvido pelo envolvimento





amoroso entre Ramona e o "revolucionário tosco" e pelo triunfo de Branca, a "burguesa" que é rejeitada pela ala da esquerda. O modo tradicional de resolução do problema da desigualdade pelo amor pode ser observado na formação dos casais Evilásio (afilhado de Juvenal) e Júlia (filha de Barreto), Barretinho (filho de Barreto) e Sabrina (filha do dono da quitanda da Portelinha), Petrus (filho do engenheiro Gabriel) e Bijouzinha (irmã da Rainha da Bateria da escola de samba da Portelinha), Claudine (secretária da Condessa Finzi Contini) e Misael (marceneiro, pai de Evilásio e Gislaine).

Finalmente *Malhação*, tanto na primeira (André e Marcela) como na segunda fase (Gustavo e Angelina), trata do amor entre jovem pobre e jovem rico, entre um bolsista do colégio Múltipla Escolha e outro aluno (a) que vive em um mundo diferente. Ambos terão que enfrentar inúmeros obstáculos para viverem seu romance. Além disso, soap opera no ar desde 1995, aborda temas polêmicos como AIDS, gravidez na adolescência, corrupção, diferenças de classe e diversidade cultural (Anuário OBITEL, 2008, p. 14). Percebe-se que as divisões entre ricos e pobres são maniqueístas, o que não ocorre na novela das Oito. Em *Malhação*, os ricos são geralmente ambiciosos e desleais enquanto os pobres e a classe média modelos de superação e solidariedade.

Nas telenovelas das 21 horas analisadas, a ideologia do desempenho pode ser observada de várias formas, mas todas elas podem ser genericamente definidas como o investimento no trabalho, o bom caráter e a competência para o alcance de determinada posição e salário. A competência para o exercício profissional, aquisição de bens materiais ou sucesso em determinada área é tratada como algo que depende do esforço, persistência, mas que parece necessitar de um dom, de algo mágico. Por exemplo, Ferrão viveu uma infância miserável, é colocado numa escola ao mesmo tempo em que participa dos negócios escusos do tutor e, misteriosamente, na vida adulta é capaz de gerenciar uma grande empresa de forma a aumentar o capital usurpado de Maria Paula.

Além disso, a novela também desenvolve argumentos não contemplados na definição da ideologia meritocrática desenvolvida por Jessé de Souza (1993), mas que parecem colaborar para reforçá-la: a ênfase do gênero na sorte, no destino pessoal e nas relações pessoais alavancando a ascensão. A ideologia própria da telenovela é uma combinação da ideologia do desempenho com a ideologia explícita do personalismo, na qual as relações pessoais definem carreiras e chances individuais de ascensão social (Souza, 2006, p.48).



## **Leituras das representações da pobreza: apropriações da ideologia do desempenho**

Nosso esforço metodológico em definir leituras preferenciais, negociadas e opositivas é descrito de modo que possamos extrair os resultados sobre a possível relação entre representações da pobreza na telenovela e a ideologia do desempenho e a assimilação dessas representações pelos receptores. Na etapa 3 da análise, 9 entrevistados procederam a leituras opositivas, 11 entrevistados procederam a leituras negociadas da televisão e nenhum entrevistado realizou leitura hegemônica. Como resultado final, isto é, através da soma do resultado parcial das etapas 1 e 2 com o resultado da etapa 3 (interpretação dos entrevistados acerca da telenovela/telejornal) obtivemos a visão de mundo dos entrevistados acerca da pobreza: 9 leituras opositivas, 7 leituras negociadas e 4 leituras hegemônicas.

As leituras preferenciais são aquelas nas quais os pobres são vistos como um perigo à sociedade nos telejornais e quanto à telenovela, os entrevistados concordam totalmente com as representações da pobreza no sentido positivo (o pobre que venceu, características pessoais do pobre) ou negativo (características pessoais do pobre). Nas leituras preferenciais, os entrevistados concordam com a possibilidade de uma pessoa de classe popular se casar com alguém de classe alta ou média, ascender pelo mérito ou concentram sua leitura apenas nos encontros e desencontros afetivos ou nas características psicológicas dos personagens, que podem ser bons ou maus. Nela, percebe-se recorrente a visão do pobre através de suas características pessoais (tanto positivas quanto negativas), assim como a tematização do empenho pessoal, qualificação e trabalho como presentes na vida dos personagens. Os que caracterizam o pobre positivamente descrevem-no como um indivíduo que se esforça, que “sempre tá correndo atrás” do que quer, dos seus sonhos, no decorrer da trama. No tocante à caracterização negativa, apenas 1 dos 4 jovens classificados como acrílicos a faz, centrando-se em uma característica pessoal do personagem (caipira).

Em *Duas Caras* tem o Evilásio lá, que sempre tá correndo atrás e agora tá subindo na vida, que eu acho bem legal. (Lúcio)

Malhação tem bastante oportunidades pra quem quer estudar...tem bolsas de estudo assim como na vida real também tem, mas tem que correr atrás pra conseguir. (Carla)

Uma novela que teve carência, eu acho que foi essa do *Chocolate com Pimenta*. (...) Tinha o Timóteo, (...) ele era todo errado, caipira. (Renato)

Um pobre [realista]... O Cleiton agora, dessa geração desse ano, que mostra que ele gosta da favela, mostra que ele é bem... Que tem vontade de sair da favela, que tem vontade de crescer na vida, é bem humilde. (Odone)

Não, geralmente [empregada doméstica na novela], não é pobre, é tipo assim... É mais as mulheres que querem o dinheiro delas, sabe? Que não querem dependê do marido pra comprá roupa, essas coisa assim. (Renato)

As leituras negociadas são aquelas nas quais os entrevistados procedem a uma leitura objetiva do telejornal, isto é, observam as carências como reais, sem que elas se constituam simplesmente como aspectos negativos, mas como fatos da realidade: profissões humildes, simplicidade das roupas, das casas, uso da linguagem, dificuldades para atendimento médico. Quanto à telenovela, os jovens repetem essa mesma visão objetiva da pobreza como carência, mas sem que isto se constitua simplesmente como algo negativo ou próprio de um certo tipo de personalidade que não se adequou ao sistema social. Nas leituras negociadas, predomina a percepção do realismo na novela, isto é, os ambientes e o estilo de vida dos personagens compatíveis com a realidade. Os receptores relacionam a situação dos personagens com a realidade sem, contudo, citar causas estruturais ou criticar aspectos da ideologia do desempenho, tais como a ascensão social possibilitada pelo esforço individual. Entretanto, a leitura não é homogênea. Entre os entrevistados classificados como medianamente críticos se observam tanto leituras preferenciais como opostas do telejornal e da telenovela, as quais, algumas vezes, contradizem a classificação de criticidade em relação à visão de mundo. Flávio, por exemplo, é considerado crítico em relação à sua leitura da pobreza no telejornal e na telenovela e acrítico em relação à visão de mundo.

Na novela acaba todo mundo bem e na vida real todo mundo continua na pobreza. (...) Ela mostra um pouco de cada coisa, mostra a pobreza, a AIDS, sobre o preconceito. (...) Isso da guria se apaixonar por ele sabendo que é pobre não existe na vida real. Mas tem coisas que mostra na novela que existe na vida real: a África, o preconceito. (Janaína)

Eu não sei por que nas novelas sempre tem rico, né? (...) Os autores de novelas só fazem assim pra rico, não sei por que eles não gostam dos pobres. (...) O dono fica mandando bastante né, e acha que o empregado é um escravo dele, não dá muito valor ao trabalho dele. [Entre os ricos da telenovela e da realidade há] pouca diferença, porque eles acham que são os maiores e querem passar por cima das leis, ou só porque tem um nome, eles que mandam. (Luma)

Eu acho que eles deviam tratar melhor a união familiar, o pobre tem muito disso, diferente do rico que é mais individualista. O pobre trabalha a união da



família para o bem de todos. A única coisa que o pobre tem, na verdade, é a família. Então eu acho que eles [novelas e jornais na TV] deviam tratar melhor esta questão, o pobre não busca dinheiro pelo dinheiro, mas pelo bem da família. (...) [Os ricos] são mais humanos do que a novela mostra, a novela mostra eles muitos intocáveis, muito frios. (...) Claro que todo rico tem uma certa frieza, caso contrário não estariam no posto que estão. (Flávio)

Aparece mais classe média e alta, os pobres não têm destaque. (Emerson)

[No telejornal] os pais são trabalhadores e os filhos são marginais, quanto mais jovem é mais negativo. Eles generalizam que todos os jovens na favela do Rio de Janeiro são traficantes. (...) Nem todo pobre mora nessas casas caindo e eles podiam aparecer nos lugares comuns, não só de faxineira. (Clotilde)

Os receptores que efetuaram leituras opositivas revelaram, em suas falas, o descrédito na ascensão social possibilitada apenas pelo empenho pessoal e a consciência entre as diferenças existentes entre o melodrama e a vida real, no qual a condição dos pobres é sempre amenizada e cujo enfoque mascara o conflito entre ricos e pobres. Os entrevistados comentam, ainda, acerca da importância do merchandising social ao debater um tema como o preconceito de classe ou o drama de alcoólatras.

(...) Na vida real os padrões não são tão sentimentais ou tão maus que nem nas novelas. (Werner)

Normalmente os pobres das novelas parecem que tão sempre bem de vida né? Bem de vida entre aspas, mas não parecem os pobres, pobres. (...) É impressionante, nas novelas todo mundo é bem sucedido, uma alegria só. (Vilma)

Isso [relacionamento amoroso entre patrão e empregada] não acontece, porque a família nunca vai aceitar um namoro entre pobre e rico. (...) Não tem uma novela que não tenha rico e pobre e quase todas acabam um se apaixonando pelo outro. Isso não acontece. (Maria)

Acho que não são nada realistas, [os pobres representados nas telenovelas] nem mais nem menos. Na novela não é mostrado o que realmente os pobres passam na vida. (Gerson)

Como nessa última novela, Páginas da Vida, até o preconceito com a pessoa que bebia, aí tu vê que é uma doença. Ou talvez a bulimia, que é uma doença, que a gente não sabia que era uma doença. Acho que isso tudo assim, que mudam bastante o conceito da gente. (Dirce)

(...) Na Malhação também, que um cara que era até empregado e porque ele era pobre achavam que ele tinha pegado o carro, sabe? (Tati)

Nota-se a diferença da concepção personalista da pobreza efetuada através da leitura preferencial, pois os receptores problematizam a representação da pobreza também através das dificuldades simbólicas enfrentadas pelos pobres. As leituras opositivas ou críticas são aquelas nas quais os entrevistados consideram: necessária a representação da pobreza no telejornal não somente como carência ou marginalização, mas como dignidade (felicidade, alegria, capacidade de ações coletivas e solidárias, trabalho); a representação da pobreza como uma condição pouco problematizada quanto às dificuldades materiais e simbólicas enfrentadas pelos pobres; pouco provável a ascensão social pelo casamento; a pertinência da abordagem do preconceito de classe (aqui lembramos a concordância entre mídia e receptores, conforme dito anteriormente sobre o contra-hegemônico).

A partir das leituras opositivas, negociadas e referenciais acima exemplificadas, torna-se possível efetuar a análise dos modos como a ideologia do desempenho é assimilada pelos jovens entrevistados, especificamente em relação as suas representações da pobreza no melodrama. Para tal, partiremos da relação entre essas leituras dos receptores sobre a pobreza na telenovela e a ideologia do desempenho.

Vale aqui ressaltar a dimensão objetiva, implícita e opaca na qual a ideologia do desempenho opera (Souza, 2003). Essa dimensão implica o arranjo de toda uma visão de mundo e hierarquia moral, a qual é impassível de compreensão através de apenas uma dimensão da realidade. Assim, ao analisar a representação do pobre realizada pelos receptores, temos ciência da necessidade de análise das múltiplas mediações sociais que articulam a ideologia do desempenho para os mesmos, tais como escola e família. Além disso, justamente por sua invisibilidade, a ideologia do desempenho torna-se tão eficaz em sua articulação para a conformação de visões de mundo e modos de ser e ver-se no mesmo.

### **Conclusões**

A partir da comparação entre a análise das leituras de telenovelas e telejornal, as quais conformaram a classificação da criticidade dos entrevistados, observamos que enquanto críticos e medianamente críticos mantêm uma coerência entre visão de mundo e leitura da televisão, os que possuem uma visão de mundo acrítica procedem a leituras não coincidentes, uma vez que todos mantêm leituras acríticas quanto à visão de mundo, mas efetuem leituras medianamente críticas da televisão.



Apesar da recorrente crítica à repetida fórmula da ascensão social pelo casamento (presente nas falas dos críticos e alguns medianamente críticos), a apresentação diária do sonho de se tornar algo melhor, da casa bonita, das roupas alinhadas e da beleza dos atores é o ideal a ser atingido. Ressaltamos que a assimilação da ideologia do desempenho permite que a desigualdade seja justificada ao premiar a capacidade de desempenho objetiva e legitimar o acesso diferencial a chances de vida e apropriação de bens escassos (Souza, p. 169).

A esse respeito, observamos que a crença na ideologia do mérito é generalizada e de que há indícios de que a televisão colabora para sua incorporação no sentido de que a maioria - 17 dos 19 entrevistados que responderam essa questão - concorda com a afirmação de que “subir na vida é uma questão de competência pessoal”. Porém, 10 dos 18 entrevistados que responderam (justamente a maioria dos jovens classificados como críticos ou medianamente críticos) discordam da afirmação de que “os pobres têm as mesmas chances de subir na vida que outras classes”.

Portanto, evidencia-se que tal assimilação não é homogênea, pois parte dos jovens percebe o caráter estrutural da desigualdade (percepção aferida na etapa 2), enquanto a maioria oscila entre a consciência fragmentada, dividida entre considerar os determinantes de classe e o peso do esforço pessoal e do mérito, e a inconsciência<sup>8</sup> da classe como determinante das chances de vida. Esse resultado só foi possível pela utilização do modelo metodológico de Hall para o cruzamento: das representações da pobreza construídas pela televisão, das leituras das mesmas efetuadas pelos receptores com a visão de mundo que os jovens constroem acerca da pobreza e da desigualdade. Nossa tarefa, em uma próxima etapa, é explicar tais resultados à luz das mediações da família, da escola e do *habitus*.

---

<sup>8</sup> Como Bourdieu (apud Mattos, 2006, p. 162), consideramos que a luta de classes opera segundo critérios opacos e pré-reflexivos, não havendo garantias para que a situação de classe conduza à consciência de classe. Entretanto, estamos atentos para os casos em que a situação de classe pode permitir o desvendamento dessa opacidade.



## Referências Bibliográficas

GUIMARÃES, Nadya A. Trabalho: **uma categoria-chave no imaginário-juvenil?** In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. Martoni. Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 149-174.

HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Humanitas, 2003.

MATTOS, Patrícia. **A mulher moderna numa sociedade desigual**. In: SOUZA, Jessé (org.). A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 153-196.

MORLEY, David. Unanswered questions in audience research. **The communication review**, 9, p. 101-121, 2006.

MORLEY, David. **Televisión, audiencias y estudios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

OLIVEIRA, Adriano M. **Jovens e adolescentes no ensino médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**. Para uma sociologia da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

\_\_\_\_\_. **A gramática social da desigualdade brasileira**. In: SOUZA, Jessé (org.). A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 23-53.

VILCHES, Lorenzo (comp.) **Cultura y mercados de la ficción televisiva en Iberoamérica**. Barcelona: Gedisa, 2007, p. 77-108.